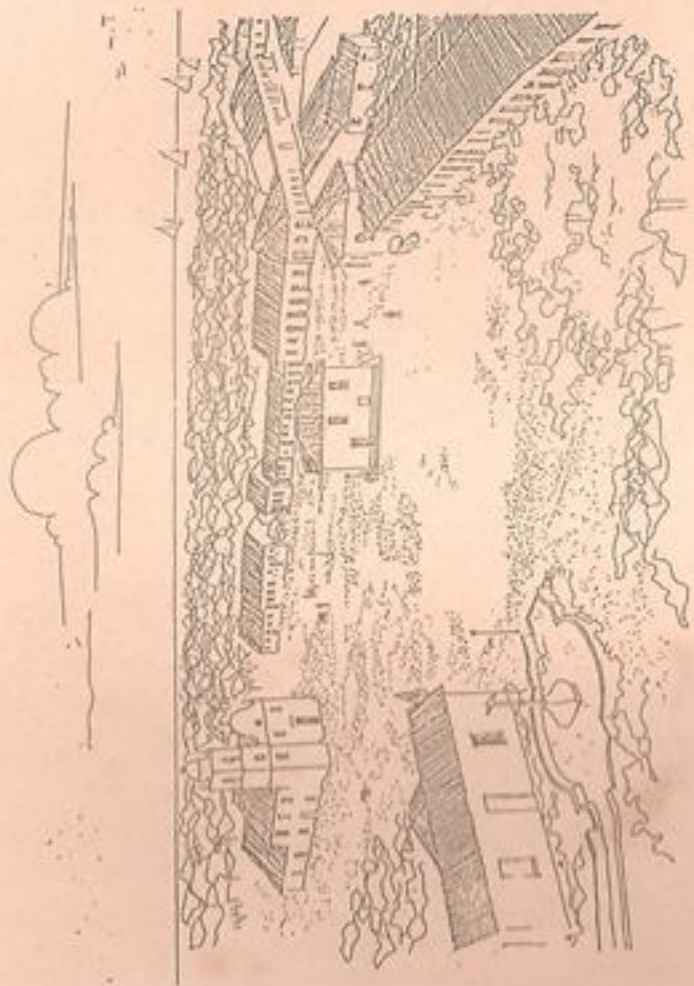


*Em "Conceição de Itanhaen"
tem!*



*A garra é um "fundo de prato" tem da Preta e da Malhada,
E o Povo que lá não vive! Diz que é só, "onça pintada" !...*

- lá na Várzea do Encantado! (Pg. 07)*
- O Macaco da Juréia invade Registro ! (Pg. 10)*
- O Tarzã do Bairro do Rio Acima (Pg. 16)*



SE EU FOSSE PREFEITO

"Se eu fosse prefeito de Itanhaém, tirava todo calçamento da cidade. Deixaria só na avenida principal. O resto das ruas, seria de areia, para as crianças brincarem tranquilamente. Os carros eu manteria fora, longe dos velhos e das crianças. E também, mandaria substituir a atual iluminação, porque sou contra o vapor de mercúrio que mata muito mais insetos que a luz de lâmpião. E para ter mais dias de luar, eu mandaria que apagassem toda a iluminação nas praias, para os turistas especialmente os casais de namorados poderem ver a luz da lua refletida no mar".

Ernesto Zwarg - Abril de 1975.

Não sei se feliz ou infelizmente ele não é nosso prefeito. Sei porém, que me orgulho de conhecer e conviver com tão ilustre figura. Não será ele por certo nosso salvador da Natureza, mas foi aqui, nesta pequenina cidade, que a voz do gigante elevou-se contra as usinas atômicas que queriam instalar em Peruibe.

Campeão nesta região na luta pela paz defensor da Ecologia e dos índios, marcou posição contra a privatização de praias. Zwarg, você não precisa ser prefeito, já faz parte da história de Itanhaém, do Brasil e do mundo.

Eu te saúdo.

Manoel Martins (Neco)

Se invade margem... é marginal...

O Batureiro

O invasor de rio:

Invasor de mangue:

Invasor de praça:

Você não se manca?

Você polui o rio...

Você polui o mangue...

Você nos torna a praça,

Fecha o rio com tranca!

Invasor da vida:

Invasor do belo:

Invasor do verde:

A que você arranca...

Meninos do Rio:

Meninos de praça

Caranguejos do mangue

E você de carranca ?

Todo o povo bravo:

Todo o povo contra:

E você instalado!

Pensa que é uma lontra ?

A margem do rio,

E do manguezal:

Se alguém invadiu,

É um marginal...

Cidade sem rio:

Cidade sem praça:

Cidade sem mangue,

E você acha graça...

Cidade sem verde:

Cidade sem riso:

Cidade sem fumo:

Cidade sem siso!

E preste atenção,

-Vai Ter que sair:

Por bem ou por mal,

-É bom refletir...

O Rio é do Povo,

A praça também,

O verde é a vida,

De Itanhaém...

Você vem de fora,

Nós torna abrir

Impede a passagem:

Que ao bispo se queixe!

Mas cabe ao prefeito

O "furão" "retirar:

E cabe ao Cristão,

O pobre amparar...

Favela ou marina.

Invasão é "vexame"

No lido do mangue,

A moral que se enfame...

Cidade sem verde:

Cidade sem riso:

Cidade sem pejo:

Cidade sem siso!

O Rio é do POVO:

A praça também :

O verde é a vida,

De Itanhaém...

15 de novembro: O Rei é o Povo!

O JEGUE-SKI DO RIO PRETO

O jegue era o xodô
Companheiro do sertão
De monóculo nos zóio,
Do trabalho campeão

Tendo o porte esquisito
De um burrico meio-anão,
Era bom, se bem tratado,
Só empacava de turrão,

Ninguém sabe se ele canta,
Ou se debocha, da gente,
Seu relincho esgançado,
É uma risada diferente...

Hoje rumina cismando,
Que já chegou o seu fim:
(desbravou todo o sertão
lá nas terras do sem-fim!)

Mas no jardim "Coronel"
Tem um jegue revoltado,
E quem lhe tirou a paz,
Foi um jegue enfeitado!

Eu fui ver esse outro jegue,
Esquisito animal:
Que é um pato que relincha,
Nunca ouvi, barulho igual!

Jegue-SKI É O SEU NOME,
Exibido bailarino,
Faz tamanha algazarra
É nova raça de eqüino...

Foi repelido no country,
Que um caiçara se enfzeou,
A Santa Paz do Rio Preto
De uma vez se acabou!

Conversar, quem conseguia
Com o jegue metralhando
Moto-Serra sobre as águas,
A ecologia afogando!

ARISCO QUE NEM VIADO,
Dando coisa feito água,
Ele aborece toda gente
O dia todo, e sem trégua;

Prejudica a piracema,
Bem lá na barra do rio;
Impedindo a pescaria
Mamangava em desvario!

Vai afundar as canoas
Dos caiçaras rio acima,
Desassoreando as margens,
Ao tirar "aquela fina"

O "SKI-mau" se exibindo,
O JEGUE-SKI se esnobando,
Quem me dera um PATRIOT
Que os fosse afundando...

Educação vem é do berço,
Isto aqui não é represa,
Foi-se a paz e o sossego,
É maldição - tenho certeza !

Levem essa geringonça
Prox diabo que os carregue,
Que o nosso litoral,
Tem horror de moto-jegue!

Esse SCUD de araque,
Ensurdeceu Itanhaém
É forte dor de barriga
Ferrabrás, como ninguém!

Itanhaém paraíso,
Do silêncio e da paz!
Amazônia, pantanal,
"imbecibéis" já tem demais

"Leviano", é o ultra-leve,
é helicóptero roncando,
alto-falante, adoidado,
e esse jerico azucrinando,

Mas o jegue verdadeiro,
Toda gente o adora,
Figurinha de presépio,
No Rio Preto é que ele mora...

Eu dou vivas ao turismo,
Que incentiva o bom esporte,
Mas jet-ski em Rio Pequeno
que ao menos se comporte !

O nosso jegue verdadeiro,
Toda gente o adora,
Figurinha de presépio,
No Rio preto é que ele mora...

Hi-hi-hi, Cox-cox-cox, }
Nhoink-nhoink, } vão do
Conx-conx-conx, } Jegue
Nhoink-nhoink-nhoink! } prôceis!

Que falta nos faz a Ludovina !

A vila de Itanhaém,
Sede de Capitania,
Teve nobres cavalheiros
E tipos de bizzaria...

Lá na casa da memória,
A história se engalana;
Mas quanta estória se esvai,
Pelo "Beco de Sant'ana"...

Há uns tipos engraçados,
Que o povo até adora...
Outros já são encenqueiros
O melhor... é cair fora...

Engraçados, encenqueiros,
Sem história e imortais;
São parte da nossa vida,
Ninguém esquece, jamais...

Souberam ter picardia,
Inexplicável carisma;
Ouro e prata ao dia a dia,
Que a rotina... nos abisma!

Que saudades do Raul
Pernambuco, do Bigode
Que rebentava cadeia:
"Que comigo ninguém pode!"

E o Sertório, o Avelino
Com seu violino de latal
E os bailes de São Paulo?
E as noites de serenata?

Alguns tipos populares,
Iam para o xilindrô;
Mas depois sossegavam...
A gente até tinha dó...

Eis que um dia um delegado,
Ordenou uma limpeza;
Óleo de ricino, amargo:
Vão-se as tripas com certeza.

Mas voltemos à lembrança
Dos entreveros de rua:
Lembrando uma figurinha
Que passava à própria lua!

Tio Bernardo era engraçado;
Na praça filosofava...
Jonas "bobo" atrapalhado,
Roupas íntimas catava...
(dos varais)

hoje, calculando "toto",
o Sabiá vende marisco;
o Miguel é judiado
e provocá-lo é um risco!

É covardia o que fazem
Com ele e outros infelizes,
Quem o faz - há de ir pro inferno!
(São do diabo aprendizes!)

Era um sonho a nossa villa...
Nois tudo se conhecia!
E algum desentendido,
Se olvidava, "noutro dia"

Tivemos "praças" de fama
Alguns ainda na ativa:
Salim, Pesão, Luizão...
Pinto, Mane Luiz - Viva!

Havia sim! Um respeito
Isto a qualquer cidadão!
Esse de algema às brutas...
Não acontecia NÃO!

Sortilégio! -A vocação
De representar à Lei!
Que espinhosa missão:
Como aceitam, eu nem sei...

A LUDOVINA: de quem a própria
Lua se espantava...
MULHER! do PRIMEIRO
GRITO AO MACHISMO que
Ainda há!
Quanto praça e delegado,
Ela fez se arrepiar...

A torneira de seu bairro:
Era só dela - primeiro...
LUDOVINA (se chamava)
Era a Dona do Terreiro!

Ria-se da submissão
De mulher ante o marido
E batia em qualquer hóme.
Sempre que fosse preciso!

Ludovina enfrentava,
Toda a guarda da cidade:
Delegado ou inspector:
Suadouro! Na verdade...

Claro! Era dominada...
Mas humilhada jamais!
Todos lhe tinham respeito:
Como nunca se viu mais...

Ai! Se ainda vivesse
A Ludovina, - valente!
Humilhar um ser humano?
Isto NÃO na sua frente!
Era - A LUDOVINA...

Onde os Direitos Humanos?
Nisso de botar algemas?
-É pra louco ou assassino...
Numa cidade pequena!

Até um gerente de banco,
Tem essa compreensão...
Evita devolver cheque;
Não traz algema na mão...

Cidade pequena é um LAR!
Todo Mundo se conhece;
E quando vê, violência...
Disso jamais se esquece!

Itanhaém é Cristã
Tem Convento Secular;
Então se um "menino" errou:
Cabe ao seu pai, - JUSTIÇARI!

Louvamos à Autoridade!
Compreendemos seu valor;
Mas ALGEMA é do PASSADO!
Escravidão! - É sim senhor!

Humilhar filho de Deus...
-Nem se o faz aos animais!
-Eis o Terceiro Milênio!
Isto meu Povo; - JAMAIS!

Quem algema a um vivente,
Jamais o prende sozinho...
Leva o pai e a mãe chorando,
Passo a passo, no caminho!

Quem "fabrica" os marginal,
(Eram meninos de rua...)
Não vai ser preso JAMAIS!
Então: Qual é que é a tua?

Idealização e Composição

Gráfica Básica
Glylton F. Silva

Seleção Geral e Monitoramento

Ernesto Zwarg Jr.
Dez. / 1999 a 2000 - 10/01

Composição Definitiva

Flávio de Souza Maciel
Luís Renato Pedrosa

Diagramação

Marcelo Augusto de Barros

Impressão

Hilário Pinheiro Bernava

Autorização e Distribuição

Sec. de Educação e Cultura da Prefeitura
Municipal de Itanhaém

Av. Washington Luiz, 75 - Centro

Tel.: 421-1600 - CEP 11.740-000

Itanhaém - São Paulo - Brasil

Usa colarinho branco,
Mas é o maior criminoso...
Constituinte - e "na lua",
Late-fúndio! - o cão leproso...

Tenta terra! Tenta terra!
E o povão passando fome;
O Brasil é muito rico...
O que falta aqui... HÔME!

Falta emprego na cidade...
Vou dar uma sugestão:
Caçara é bom no "lançeo"
-Ficará de prontidão!

Se um suspeito vai fugir:
Em vez de algema, no esperto,
Um belo lance de rede;
O imobiliza, - por certo!

Se é pra algemar alguém:
(também não é o adequado)
O "PC" está dando sopa...
E champagne... importado!

Polícia super-armada,
Em aparato de guerra,
Numa cidade pequena?...
Não vai bem em nossa Terra!

Queremos é segurança!
Nos bairros e cercania...
Onde se escondem bandidos,
É mais na periferia!

Toda casa assaltada!
Como Terra de ninguém!
Marginal faz o que quer!
-Na pequena Itanhaém...

Fareste de cow-boy...
Cavalo pra todo lado...
A cidade apavorada,
De vaqueiro... embriagado!

Há um louco, lá na "CESP",
Que só mata "à machadada!"
Outro, pelado! Num carro;
No centro... é pornochanchada!

Se voltasse a Ludovina,
Os botava pra correr!
Ladrão de casa, assaltante?
Com ela iam se ver!

Dava pernada e bofetada,
Cutucava a cotovelo!
Que potente cabeçada,
Já nas costas, - o joelho!

Dava conta DA PESADA!
Cada soco era um CÚTELO!
Mas NUNCA MOVEU UM
DEDO...
PARA UM "pé-de-chinelo"!

Conceição de Itanhaém...
Sede de Capitania!
Teve nobres cavalheiros;
E tipos de bizzaria...

Lá na Casa da Memória,
A História... se engaleana!
Mas quanta estória se esvai...
Lá no Beco de Sant'Ana...

Tivemos "praças" de fama!
-Alguns ainda na ativa!
Salim! Pesão! Luizão!
Pinto! Mane Luiz! - Viva!!!

Lembro ainda o Rafael,
E o Kardec, Kardecista...
Competentes, atuantes,
Profundamente humanistas!

Mas voltando à Ludovina,
Que assombrava à própria lua!
Por sua guerra ao MACHISMO...
Merece um nome de RUA!
Excerto.

No meio de gente bamba...
A Ludovina tirava um samba,
Saltava, dava rasteira
Levando assim a vida
De qualquer maneira...

Adeus Várzea do Encantado! Adeus Itanhaém!

Lá na Várzea do Encantado
Conceição de Itanhaém;
Dá um relâmpago de dia,
Zigue-zwarg vai e vem...

E se nem está chovendo,
Nem tem nuvens preteando?
Que relâmpago é esse,
Que o céu vem costurando?

Mão-de-Ouro! Que mistério!
Cachoeira a Cachoeira
Sai o chicote de fogo,
Destalando a mata esteira,

Está quente, o ar bem seco,
Nem um vento agita a mata...
A cada escosta de morro,
A cristilante cascata!

Deixe um calafrio de aviso,
A quem já sabe da lenda;
E dá-lhe um susto a araponga,
Repetindo a lenga-lenga...

Diz que é ouro escondido,
O Tié diz que assombração!
Lá na Várzea do Encantado,
Não vai qualquer home não!

A cada rugido de onça!
Lá no Morro do Encantado;
Tá na lua! - A terra treme!
Quem tá em casa: apavorado!

A Garra - é um "fundo-de-prato"
Tem da preta e da malhada,
E o Povo que lá não vive,
Diz que é só "onça pintada"...

Na Jureia uma explosão!
No alto da Pagaça;
E vóu um tucano de ouro,
Ao Dedo de Deus, bom lá!

A que vê o tucano de ouro
Sete anos de flutuação;
Amor que não se comece,
Toda a vida, sem agrura...

Também lá em Cananéia,
E na Ilha do Cardoso,
A Mão-de-Ouro é um mistério
De augúrio venturoso...

No interior Velho-de-Guerra,
Mão-de-Ouro é revelação;
Só a vê quem tem pureza
E muito amor no coração.

Ostro mistério na Várzea
Que é irmã do mangazal:
É o caldo fr "sustância",
Que riqueza divina!

Sopa de plancto de peixes,
Condunida na maré;
(Trax a chuva nutriente)
Ao vai e vem - marcha-a-re!

Quanta vida há lá na várzea,
Nas gamboas e alagado,
Que orquestra de batráquio,
- Seu jacaré: enfezado...

Olha o Martin Pescador,
Araponga onde é que está?
Tô-indo, Tô-indo, Tô-indo...
Tô-sindo assi sem pará...

Quanta vida há lá na várzea,
E o seu FIM está chegando!
- Vão sangrá-la! friamente...
A todo espirado secando!

Essa "lavouira" - "banana"...
A monocultura cruel;
Vai semear só deserto,
Neste chão que é um céu!

A rima é meio forçada,
O RIMA não existe não!
EIA! - povo é igual boiada,
Cabibauco, entrega o chão...

Quanto peixe no alagado,
Capivara e maroca,
Anta, saracura e rã
saltitando quando seca...

Nenhum mau-feito há no sítio
Toda várzea é um logradouro
Encontro de Caspora,
Yara, saci, Mão-de-Ouro!

Vibra a vida lá na várzea,
Criadouro natural;
Que pujança sua flora,
Que valor medicinal...

Mas voltando à vaca-fria,
Lá na Várzea do Encantado,
Mão-de-Ouro está chorando,
Tem os olhos rasos d'água!

Invasores bem armados,
De escopeta e de facão,
E são terras do estado...
Só o flechir tem um quinhão...

Delicado ecossistema,
Toda várzea, pantanal,
Aceita a presença humana,
Preservando o "elo-vital"...

Adem Terra do Encantado,
Que a saúde não consola;
Vale-é o peso do dinheiro
E não o choro da viola...

Pobre do Capivari,
Repesado, revertido,
Será DESENVOLVIMENTO?
Várzea e mangue ressequido?

O Vale Grande em Iguaçu,
Que estrago já causou,
Agora é VALA e SANGRIA...
E o Governo? Concordou?

Chora o Rio Verde fechado,
(Só pra quem é brasileiro)
E o tucano vive triste,
Que não fala o estrangeiro...

Adem Águas do Encantado
Adem Rio Capivari;
Adem Serra da Jarú
- Viveu tudo um Jaçueri...

A Figueiredo Ferraz,
O Povo não atendeu;
Era a hora de parar,
E São Paulo mais cresceu...

O "sem terra" e "sem água"
Que invadiram a Capital
Sabendo pegar na caxada,
Pode vir pro Litoral!

Adem Canal Férmoso,
Que a Saúde não consola,
Vale é o peso do dinheiro
E não o choro da viola!

Sede de Capitania,
Isso é glória do passado,
Itanhaém é uma ilha
É inimigo a todo lado!

Arte o fim da natureza
E a vitória do empreiteiro
Eu grito: ALTA TRAIÇÃO!
E grito ao mundo inteiro!

Este choro de viola
Da laje da Conceição,
Vim cantá-lo assim tão só
Para as pedras do Contão...
O Bateira Voleiro
(VERSOS DE CORDEL.)

*Se tenho asa, pra que
quero casa...?*

Eu faço o meu posso, em qualquer lugar!
E logo ofereço a metade, uma parte os inteiro:
VENDIDO! - Volto ao telhado, sou caseiro
E planando, logo avisto, onde aterrisar.

Mascate do brejo, "CRESCI" a voar!
E se pego uma chave, pelo canieiro;
Abro bem as asas, pra me secar...
Quem sou eu não digo! Seja adivinho!

Eu gosto de praia, gosto de mangue;
Eu só não gosto mesmo de trabalhar...
"Galinha-morta", a toa, exangue;
É meu prato perfeito ao meu paladar!

A "praça é da criançada"? Essa criançada?
Toda criançada pra mim é um estorvo!
Quando eu vejo área-verde, enfiavelada,
Eu me torço de escárnio, feito um corvo.

Planando do Gaivota, até o Loty,
Eu tenho mais negócios que o "P.C."
O "bom de bico", malandro, o saci!
Bom na política! - Logo se vê:

Poli- "títica" de galinha! O cheiro
Me leva até às bandas do Aguaré!
Se o meu nome não sabe, - em derradeiro:
Cinco letras: - Rima de Cambaú!
URUBU, o Chacal, que "emprevidizosa" a todo
o litoral...

ZWARG - para o dia 11 de agosto, dia nacional das
"arabuzórias" dos mangues, polifléguas das margens dos
rios e grileiros, invasores das áreas verdes, os empreiteiros
de fachada...

O Bateira Voleiro

“ÊTA GATINHO MISERÁVEL”
(folclore regional)

Onde é que está esse gatinho miserável!
Esse gatinho miserável onde é que está?

Será que está, aqui debaixo da cama?
Ou tá no fogão, sujo de carvão a me esperá?

E onde é que está aquele galo que é caólho?
Aquele galo que é viúvo, onde é que está?
Por que num canta? - o “brava-gente-brajirêra?”
Que é para o sol! a Madrugada despertá ...

Tem tanta purga e percevejo nesta “casa”!
Que eu passo o dia inteiro a me coçá!
E eu não sei, se chamo o Corpo de Bombeiro ...
Ou se telefono é prá Polícia Especiá!

E o cachorrinho que só vive na vizinha?
É lá que tem comida, e eu não só de cozinha ...
Esse cão sarnento nunca foi é caçadô!
E tô comendo é só fritura de “içá” ...

Essa vizinha, logo tá lavando rôpa!
Ela é viuva e vem aqui pra conversá ...
Que qué parpíte, prá eu f joga-no-bicho!
E se ela, acertá! - é capaz de me beijá ...
(ai que vergonha ...)

Tem tanta purga e percevejo nesta “casa” ...
Que eu passo o dia intêro a me coçá ...
Num sei, se eu chamo é o corpo de Bombeiro!
- Ou se telefôno é prá Polícia especiá ... (vai-me-encaná?)

Bairro da Equitação - (um real)
Ano Dois Mir, na Milhar:
Eu dô parpíte pró ipódromo
(Zé Pangaré, do Rabo Cortado)
Villa da Conceição - Tanhaém.

O MACACO DA JURÉIA INVADE REGISTRO!

*(Cordel radiofonizado, na base de jogral e viola; King-Kong,
como símbolo da ecologia - Zwarg - 1992)*

O sol levanta tão cedo
na Praia de Parnapuã,
Que Dona Iolanda se apressa
Para o café da manhã ...

Esse dia, que descuido,
Nada de água na cozinha,
-Assim mandou-se pra fonte,
Ainda escuro, sozinho!

Chegando perto da fonte
ouviu um choro baixinho,
De certo de uma ninhada
De gato ou de cachorrinho,

Porém ainda era escuro,
Entre as moitas do caminho.
Assim ficou a escutar
Na direção do chorinho.

Logo uma forma disforme,
De aranha caranguejeira,
Destacou-se à sua vista,
Em meio à herva rasteira!

Mulher do sertão, sem medo,
Pensou salvar os gatinhos;
O solo espreitou curiosa,
Por entre a moita de espinhos.

Mas da "coisa" pegajosa,
Que se movia na relva,
Ouviu um choro miúdo
Já conhecido na selva!

Eis que era um macaquinho,
Da sua mãe desgarrado,
de certo "morto de fome"
indefeso, amedrontado ...

De relance procurou
No arvoredo fechado,
O bando de macaco-aramba,
Feito aranha, pensando ...

A passarada cantando,
Mas nenhum outro alçado
Aquele pobre filhote
Estava de fato perdido ...

Maternal e condosa,
Aparhou o macaquinho,
Com cuidado e sem nojo
E o levou pro seu ranchinho ...

Que alegria pros seus filhos
Ao saberen do achado,
Dona Iolanda no regajo
Já o mantinha agasalhado!

- Já dei leite condensado
Pra chupar por um paninho,
Está quase adormecendo,
Passou a noite sozinho ...

Seu Avelino achou graça,
Porém logo os alertos:
No começo é uma festa,
Depois cresceu, - se mandou ...

E o bichinho alimentado
Agarrado no pescoço
Das crianças, do cachorro,
Era aquele alvoroço ! ...

Se chegava uma visita,
Pra Dona Iolanda saltava,
Com medo, mas compreendendo
Tudo o quanto ela falava ...

El' aquela mulher tão simples,
(belos traços de peitana)
De "casaco de pele" ao pescoço,
Parecia uma "Madama" ...

Fato é que esse macaquinho,
Falado na redondeza
Ficou de todos querido,
-Que graça, que expertise ...

Costado já bem crescido,
Ao romper a primavera,
Perdeu-se no Itatiaí,
Que saudade,- Que tapera ...

Foi-se a alegria do rancho,
Toda a família chorou;
O macaco na Juréia,
Seu grande amor encontrou!

Saiu pra uma travessura,
Mas perdeu-se o "macaco aranha",
E tendo um pensamento humano,
Nenhum outro o aconsegueira ...

Um dia achou uma trilha,
Aberta por um caçara:
Que saudade da família
E da palhoça de jissara ...

Pelo alto arvoredo
E às vezes pelo chão
Foi seguindo essa trilha
Lhe pulsando o coração ...

Da lolaia e das crianças
Já esperava ouvir as vozes,
Mas na primeira palhoça
Só havia cães ferozes!

Aí surgiu nessa trilha
Um camião de banana;
Escondeu-se entre os cachos,
Fez de folhas uma cama.

O ruído do motor
Logo o fez adormecer
Acordou só em Registro
Em pleno amanhecer ...

De um depósito de frutas
Se mandou pelo telhado,
E olhou pela cidade
o Ribeira prateado ...

Já conheci tanta gente,
(Nunca ninguém me fez mal)
-Deve saber do Avclino
O dono do Bananal ...

Da tesoura do telhado
Acenou pro motorista
Relinchando qual cavalo,
Fez caretas de artista ...

Espantado o motorista,
Gaguejou um "pega-pega"
Gritaria, correria
E o macaco não se entrega ...

De telhado em telhado,
No mercado à beira-rio,
Encontrou um papagaio:
"Curu-macaco" se ouvira!

Foi o maior corre-corre
japonês e brasileiro,
-Ten macaco no telhado
-Fui eu quem viu primeiro ...

Assustada a freguezia,
-Caiu tudo que é engradado,
um "macaco-feito-aranha"
Correria no Mercado ...

E passava um camião
De galinhas amarradas,
Palou - cortou o nó
Foi aquela "debandada" ...

Eis Registro invadida,
De galinha e de cabrito:
- O pavão correndo atrás,
Lembrando, eu nem acredito !

E um padre que passava,
Quando o Chico apareceu,
Levantou sua batina
E de corozelas correu ...

E na Torre da igreja,
Com o rabo, muito esperto,
Acertou os posteiros!
-O macaco estava certo!

Já que o povo aplaudia,
(De certo, reconhecido!)
Deu um show de habilidades
-Não me sinto mais perdido ...

E vendo um homem de rabo,
(um taco de baseball)
Entrou num clube, num debate,
De... "Ecologia-Pessoal"!!!

-Da selva eu entendo tudo!
-Sou o King-Kong aranha!
(E se não saísse logo,
O nosso macaco apanha...)

Um barbo de inseticida,
De jet-spray de banana,
mas ele saltou por cima,
-Safou-se o macaco-aranha,

E subiu num prédio,
Bombardou de avião
"Meno"- Cultura gritando,
-Macaco-aranha pro chão!

Toda aranha traz um fio,
Pra pular feito Tarzan,
E defende a ecologia
Pro Brasil de Amândã!

Na Avenida Principal
Já tava assim de povão
"Brajirero-Japoneis",
Até turco e alemão

O aranha"de cipó,
Entrou numa padaria,
Querria pão de manema,
deu desmaio e gritaria

Deu um pulo a uma loja,
(de um pulover peccisava)
O japonês de caratê:
Já um golpe preparava!

Macaco Aranha, deu um salto
Alcançou o candelabro;
O povão correu da porta,
Êta japonês "mais bravo" !

O aranha desistiu,
(Só queria emprestado)
E saber da gente boa,
Do Parnapuá encantado...

Alcançou a rodovia
De poste em poste pulando,
E até já batiam palma,
O macaco acompanhando...

Aí passou um "cegonheiro"
E ele não perdeu a chance
De cegonha veio ao mundo:
A Peruibe, num só lance !

Já voando de cegonha,
Despediu-se do Ribeira
Em Registro o Povo ria,
Gargalhada a tarde inteira...

Já na estrada da banana,
Numa placa estada escrito
"LINGUIÇA À 500 METROS"
- Essa eu não acredito !

Encostou sua Cegonha,
Pra medir a extensão (500 metros!)
Deu de cara e' o macaco:
- Eu não faço "lotação"

O macaco tinha fome,
- Como toda essa linguiça !
- Macaco só me interessa
É quando o carro enguiça !

- Queijo "a 200 metros"
Tem outra placa adiante:
Não agüento mais de fome
Chico passou pro volante !

- Larga mão desse volante
Sou Macaco abusado,
Mas o macaco aranha,
Já tinha desbrecado

A jumenta foi descendo,
O "cegonheiro" - pensando !
O macaco habilidoso
O carro tinha controlado...

A notícia pelo rádio,
Excitou Itariri:
O macaco King-Kong
Já está chegando aqui !

Vem voando de cegonha,
E se alcança um bananal
Come toda a produção:
Num apetite sem igual !

O guarda rodoviário lhe
Pedia o documento!
O macaco fez careta:
- Eis do rabo o comprimento !

E saltou para uma torre
Que era de alta tensão:
Saia fagulha em Cananéia,
E um estouro em Cubatão !

Mas esse macaco-aranha,
Conseguiu sair ileso:
O povo na estrada
Se admirava surpreso !

Vendo a Serra do Itatiaia,
O macaco se mandou:
Mas na casa do Avelino,
Até hoje não chegou...

Quer é voltar a Registro
E a todos abraçar,
Aprender a Ikebana
E a lolanã ofertar...

*O Gnomio Zwing, Andarilho Hoteiro
em nome dos exorcistas "ecologistas"*

Sinfonia Descritiva do Rio Ribeira
e da Ilha do Cardoso !

Lágrimas desce do remo:

Desce a canoa de manso
abrindo uma trilha
num mar de aguapês ...

Rente das margens cintilam,
no espelho das águas
as flores do Jpê ...

(O vôo das maritacas,
o salto de um peixe no rio ...)

Lágrimas descem do remo
pois o remador nem chorar
conseguiu (bis)

... no Rio Ribeira ...

Perto de um taquaral, e
a canoa seguiu quando surgiu
o gado ainda saudoso de ouvir
osromeiros cantando no Rio

(O Rio Ribeira ...)

O canto de uma araponga
alertando chegar o Jairê ...
Mas na casinha, florida
espehada nas águas
não estava você ...

Jamais vi você - No Rio Ribeira

o i o i o i o i

Ernesto Zwarg e A. Bruno

O CAIS DE CANANÉIA

(a Clara Martins Zwarg)

Saudoso, deixei
O Cais de Cananéia Adeus
Vencendo a correnteza
Eu vim
Pensando só em ti
Meu Amor ...
Remando assim,
Às vezes contra o
Vento do Sul ...
Mas sem ter um
lamento pois
só pensava
na alegria
de te encontrar

Os botos passando
ao lado da canoa
as aves,
por sobre a gamboa
lembrando
O quanto eu fui feliz ...

Vivendo, na Ilha do Cardoso
que tempo mais formoso,
vivi ... perto de ti ...

No Marujá, eu apertei
minha canoa
mas os teus ciliños
tristes
não encontrei
a me esperar ...

- Voltei pro remo,
contra o Vento,
retendo a mágoa
e cheguei em pouco tempo
No Anil ...

No caminho ...
da Capela ...
Teus passinhos eu reconheci
E embora, transtornado !
A maior, naturalidade, fingi
Mimosa Flôr ...

Zwarg e A. Bruno

"... AI! BOM JESUS,
QU' INFELIZ HII SIDO;
QUANTO PENEI LONGE
DE TI, MAS QUANDO
A TI HII RECORRIDO,
MINHA AFLIÇÃO JÁ
NÃO SENTI..."

[In carta das festas - as São João de Iguape, - 1893.]

UM BURRICO MUITO FELIZ...

O Itaipira - Violão
Natal de 1998

Eu nunca esqueço
do burrico,
Que cuidava
Nossa Senhora!
Há de estar
lá no firmamento...
Pastoreando
as ovelhas agora;

Alma bem simples
queria me dera!
Que um dia
eu merecesse ter...
E "apascuassem", firme!
as ovelhas,
Do inconsciente,
até chover...

Sempre peço
a Nossa Senhora,
Que ao menos,
possa carregar!
Somente as nuvens
peso-palha...

E sem ninguém!
sequer notar,
Dicionários
feito cangalha,
Me orientando...
a não mais errar...


Zwarg" ... AI! BOM JESUS,

ROMEIROS DE IGUAPE

Ernesto Zwarg
Bruno Zwarg

(canção nas caminhadas)

Coral

 sempre a beira mar

Vindos do Boqueirão da Praia Grande
Os Romeiros deixavam seus passos no areião
Caminhando alegres em plena madrugada
Pra voltar a Iguape
De antigos sobrados atadosos
Que lindo fozeta no Itaipira
O Ribeira florido
E as cachoeiras da Juréia a cantar:
"Vou com o rio verde, volto ao mar..."
as flores do Aguapé

E desde Peruíbe
Cantando nas praias;
Saudade é uma esperança
É um juramento;
O que nos vem da alma
É um sutil segredo
De se alcançar o céu
E sem pedir perdão;
pegadas no areião

Romeiros de Iguape
Com suas cantigas
Fazendo os caminhos
Recender à rosas
Porém não há espíritos
Quando a caminhada
Vai nos levar à fonte,
À fonte do senhor a fonte do Senhor

E desde a Barra de Una sem a Romana
Em pleno alvorecer é a tradição
Justos a caminhar
Veja! que emoção!
Ao rever as quebradas dos Itaipira;
O esplendor do Rio Verde é nosso Jordão

Na imensidão da Juréia Uma do Prelado
Eis a Ribeira, a balza e o rio

Gaiivotas a beira mar libre o manguatá
Nossa Senhora das Neves se vê
Nas flores do Aguapé flores do Aguapé

Narizinho arrebitado para o Céu ...
(Homenagem a Monteiro Lobato)

No Sítio do Picapau-Amarelo,
Narizinho Arrebitado,
Sempre espreitava!
As nuvens do céu,
No Sítio de Dona Benta ...

Presentia assim a humidade
e a promessa de chuva logo
e a revoada das aves
ao escarceu ...

Dal explicava a Emilia
e ao Senhor Marquês!
que as árvores ...
também jogam "ping-pong"...

Narizinho, meteorologista,
apontava às folhas mais ao alto:
Olha! - Estão preparadas a jogar
"ping-pong"! - um jogo chinês

Caem as primeiras gotas
que as folhas rebatem,
umas às outras,
levando garoa ao arvoredó,
ou aguaceiro!
ao tronco sedento
e às raízes afoitas!
- O Maná do Céu...

Por isso havia fatura
no Interior Paulista ...
Catedrática, Narizinho
apontava a Mato Grosso,
Goiás e aos Andes -
logo atrás!
Do Pacífico!
saudoso do Atlântico:
vinham lágrimas estremeçadas ...
E o vento condoreiro!
balouçava as árvores
e agitava as raízes,
... alvissareiro!

- Dona Anastácia, mãos na cintura,
olhos arregalados!
- sentenciava:
- Foi assim na África,
O meu Avô contava ...

- Derrubavam as árvores,
e o chão crestado, restava
calcinado ... desertificado!

Dona Benta aí pressagiou:
Sem a evaporação natural
das matas, subindo ao céu
ao encontro de ventos
humidécidos ...

Ventos de Mato-Grosso,
do Pantanal e até do Pacífico!
Eu aqui - pontifico !

- São paulo há de se arrepender!
E a Emilia, quase chorando!
- arrematou: -

DENDROCLASTIA!

-Alforria! - alforria às
Árvores! - Cruel machadeiro!
Cruel fazendeiro!

E todos chorando, já sentindo
a garôa - cozeram para a varanda,
do casarão agasalhador, do Sítio do
Picapau-Amarelo, em meio ao Verde da
Bandeira do Brasil ...

(Adaptação do Baturina-Violeiro)

Nota: O palavra Dendroclastia que signi-
fica ódio às árvores, foi estabelecido por
Monteiro Lobato.

O TARZÃ DA ILHA DO BAIRRO DO RIO ACIMA

"Tirante" os tempos do Sertão Bruto, - ainda muito presentes cobras, onças, aranhas, excesso de mutucas, muriçocas e o danado dos mosquinhos pólvora e borrachudos, - o Rio Acima era um dos paraísos descritos nos livros de aventuras marítimas... e até há registros de "tarzans", neste lugar...

Entre os residentes, rijos praianos, sempre havia provas de canoagem e de mergulho, pois para a fixação de cercos, tinham que ter bons pulmões, - eis que há 50 anos, um cerco chegava a ter aprisionadas até Mil, tainhas! - que eram conduzidas para Santos, em caminhão do Molinari. Hoje, dificilmente, nos cercos, até diminuídos, há 9 a 10 ...

Mas não obstante as restrições imobiliárias, os praianos permanecem fortes e acompanham ao malabarismo de turistas de São Paulo, que mergulham das árvores, no Rio Preto, Country Clube. Mas os praianos, singrando sob as águas escuras, porém límpidas, saem espantosamente muito além, - também brincando de Rei da Selva, com brados e acenando às "macacas", curiosas e até... interessadas...

Porém um feito paralelo e gravado na memória dos moradores da ilha do Bairro do Rio Acima, - confirma essa configuração cinematográfica das aventuras de Tarzã e Jane! De fato, há pouco tempo ocorreu que um jovem de tradicional família da região, teve que se transferir a Santos, a trabalho, ficando distante de sua namorada.

Coincidiram esses fatos, com um período em que os donos de bananais contratavam capatazes para aliciarem trabalhadores rurícolas migrantes a um trabalho pesado e que dependiam de armazem das próprias "fazendas", "capatazes-gatos" que controlavam os cortes de banana e até autorizavam bailes para acalmar os "matutos". Porém as moçoilas de Santos, - recusavam-se a vir distrair àqueles homens rudes. Aí o capataz resolveu convidar moças das redondezas e que poderiam vir acompanhadas de suas mães... Apenas, "atacasse a furiosa" de violas, - colocavam as mocinhas para o ensaio de quadrilhas e fandango... As mães, distraíam-se, nos afazeres das festas juninas...

Porém o jovem, deslocado a Santos, para ter um emprego fixo, veio num domingo procurar sua amada, e sube das "Reuniões Sociais" de aprendizado de quadrilha e fandangos, com apresentação aos forasteiros "convidados"... Soube também nas redondezas, já que sua própria mãe, era ingenua, - que não eram convidadas apenas moças, mas até meninas, para as aulas com o Mestre Sala. Os jovens da redondeza estavam intrigados e alguns proibiram seus irmãos de participarem. Alertado e afeito aos entreveros do futebol praieiro, - o jovem noivo tomou de uma canoa e atravessou o "furado", - um canal de forte correnteza, escavado para travessia mais rápida ao portinho do Guaraú, de onde as barcaças ou seguiam a Santos, por mar, ou por gôndolas da ferrovia, a Santos, eventualmente caminhões, quando houvesse maré baixa...

Exímio remador, venceu fácil a correnteza, - aportou entre árvoredo fechado e rumou à séde da feitoria agrícola. A caminho, já ouviu rumor de vozes e toques de viola... Revoltado, - bateu com os punhos na porta, a que fosse ouvido, - tal o alarido das violas e dos gritos da quadriha. - Uma senhora atendeu e ele pediu que chamasse sua noiva. Vou ver, mas ela deve estar nos pares de quadriha e o Mestre Sala não deixa interromper. É urgente, disse ele; vou avisar, respondeu, trancando a porta...

Demorava o atendimento a seu pedido. Assim, tomou de uma acha de madeira de lei e bateu 3 vezes na porta de perôba. Ai é que o capataz promotor dos folguedos, veio à porta de revolver na mão esbravejando. 'Aqui ninguém entra nem sai e você que se retire desta fazenda, senão açulo os cães que estão amarrados... O moço ainda entreviu a noiva, de olhar apavorado. O capataz bateu a porta! e a "fúriosa" recomeçou...

O rapaz, embora acostumado à lida com os cães dos sítios circundantes, - percebeu-se sózinho e acuado. Assim correu à canôa, - embicando à correnteza e lépido voltou ao rancho. Pensou procurar alguns amigos e levar seus fiéis viralatas, para a refrega de houvesse... Mas era dia de partidas de futebol, em bairro distante. Outrossim, já anoltecia... Seus viralatas o acompanhariam, mas estariam inferiorizados e poderiam ser estraçalhados pela matilha do cruel feitor. - Tomou então uma resolução! Ajoelhou-se no oratório da família, de antigas imagens, rezou, beijou a toalha bordada por sua bisavó, - dirigiu-se à margem do rio e ficou a espreita do entardecer e da inclinação das correntezas. Havia barcos na ilha, mas fôra informado de que só pelas duas horas da manhã, terminaria o "fandango" e a maré seria propícia à travessia com as canoas lotadas.

A resolução estava tomada. Vestiu uma calça antiga, dessas às canélas e rente ao corpo e assim não oferecesse resistência à natação a que se propunha. A canôa, de nada lhe valeria, assim calculava. Extremado de zélo e ciumes, - permaneceu agachado às margens, vigiando os contornos e quaisquer movimentos, na ilha. O feitor não havia solto seus cães de guarda, porquanto poderiam estranhar e atacar aos convidados. - Chegava o momento. A escuridão era propícia e ele bem conhecia a direção e a força da correnteza. Chegaria lá, com pouco esforço e a essa correnteza, mesclada com a salinidade da maré, nenhum jacaré se aventuraria, - seu domínio era mais nos igarapés e alagados...

Originário de Santa Catarina, Florianópolis, - tinha os cabelos alourados e como bom nadador, recebera a alcunha de Tarzan, isto no futebol das várzeas litoreâneas, onde facilmente, ocorriam refregas, porém sem maiores consequências, ante a intervenção dos guardas de quartelão, que obedeciam instruções do Senhor Delegado de Polícia da Vila da Conceição, - Itanhaém.

Era o momento, pálio da lua lastreava na correnteza o rumo a ser seguido até ao árvoredo fechado, à sudeste de Séde da Fazenda. Atirou-se às águas gélidas de junho, e sem qualquer ruído, mergulhando sob a réstea da lua, - lépido alcançou o esconderijo propício. O coração a pulsar, não pelo esforço, mas pela angústia de não ter sequer visto e falado com sua prometida. - Confiava nela, sabia que teria sido envolvida pelas primas e comadres festeiras. Mas não poderia aceitar que, como noivo, não pudesse vê-la, conversar e acompanhá-la à saída do

festão junino, com queima de fogos... Esgueirou-se, esquadrihou se estariam soltos alguns cachorros, - os viralatas. Houve uma "quebra nas viólas e no alarido do acompanhamento aos noivos, de certo para o corte do bolo, o serviço de cafés, doces, cuscus de arroz... Talvez ainda todos saíssem para assistir à queima de fôgos. Demorava. - Tarzan ansiava e ficava à sanha dos pernãongos. Fazia frio. Decidiu-se. Aproveitaria o momento dos comes, para ser ouvido. Era a Hora! - Seguiu erecto. Tomou do mesmo achado-de-peróba! e golpeou 3 vezes à porta! Vozerio e silêncio. Então apenas o rosnar rugido do Gato! - Eu vô resorve isso de vez. E veio batendo as botas, de arcabuz na mão e facão na cintura. Contava com que o rapaz fugisse... Escancarou o portal de peroba saltando do claro para a escuridão, ainda tomado de quentão! Mas o nosso Tarzã, não era um Dartagã de luta de espadas... nem sequer um Tarzã de Hollywood... Era um Tarzã Nosso, Humano, tomado de ciumes, zêlo por sua amada, e macheza! - Afundou o punhal no coração do brutamontes, ao esgueirar-se do tronco de uma palmeira junto à porta. E ao lado do porco que tombara, deixando o punhal fincado, - apanhou a espingarda, com que poderia ser alvejado, - correu à correnteza e nadou alvorçado, inalcançável, - vingado e, do seu amôr à princezinha nesse empenho, acreditava que seria por Deus perdoado. - Sabiam onde ele morava. Rápidamente trocou de roupa, e se mandou pela via férrea até a estação de Suarão, porquanto em Itanhaém já havia comunicação telegráfica. Igualmente, evitou arriscar-se a chegar em São Vicente. - Desceu em Samaritã. - Ai tomou o primeiro cata-osso e foi procurar a seu tio, que lhe arrumara o emprego. - Ciente de que o rapaz seria procurado ante a denúncia às delegacias, encaminhou o jovem a uma família de absoluta confiança e de laços ancestrais, - no alto da Serra, no Paranapiacaba... E vou parar nessa esplanada, - confirmando o casamento concorridíssimo na própria Capelinha de Nossa Senhora dos Navegantes, - no Bairro do Rio Acima. - Ocorrera, que o capataz morto em emboscada na calada da noite, e calou-se, - tinha extensa ficha de crimes e era procurado. Num diante mais, fôra direto para o inferno... Vivas! Viva Santo Antonio! Viva São João! Viva São Pedro! - Viva O Rio Acima! Viva Itanhaém! Viva a "Nossa Amazônia Paulista", o mais esplendoroso Parque Público do Brasil, voltado a recepção aos que residem nos emparedados núcleos, da Grande São Paulo Medieval... Itanhaém Vos Salvaguarda! - do tédio...

Escrevinhou, o Batuíra Violeiro.

1999/2000

Tâmo indo pra Iguape n.º 1

Nóis tâmo indo pra Iguape
- Nóis tâmo indo a pé;
Na casa de um caçara,
Nóis vamo pedi café... (pois é)

Lá no Grajauna!
Tainha tá esperando,
Na Praia do Rio Verde,
A maré tá abaixando!
(subindo, abaixando CORAL)

Eu vô dança fandango,
Em Una do Prelado;
O siri anda de costa,
ou será que anda de lado?
(de costa de lado?) bis

A beleza da Jurêia
A nada se compara...
Vô descança meu corpo
Só na Barra do Icaraparai:
(anda, pára, anda, pára).

Tâmo indo pra Iguape n.º 2

E tâmo indo prá Iguape,
prá comê toda manjuba (bis)
Acompanhada de cerveja,
Não careço de ajuda (bis)

E tâmo indo a Cananéia,
Prá comê só camarão! (bis)
E se não tive cerveja,
Tomo pinga com limão o (bis)

Vivo sempre viajando a procura
de um amor (estribilho-bis)

E tâmo indo a Pariqueiral
Para comê um buraco quente (bis)
O garrafão da "Cristiana"(pinga)
Não sai mais da minha frente (bis)

E tâmo indo prá El-Dorado,
Prá caverna do Diabol (bis)
Dei para ele uma cachaça ...
Ficou tôdo atropalhado (bis)

Vivo sempre viajando a procura
de um amor (bis)

E no Ariri pego a canoa
E remo até o Paraná
Esvazio um garrafão
E vorto prô lado de cá

Declamado:

E só vorto a ilha do Cardoso!
Se a cachaça se acabá:
Daí que vô drumi na rede
No meu rancho em Marujá!
Daí que vô drumi na rede
No meu velho Marujá ...

Com tanto peixe que se "almêja"
Chega a sé um desperdício, alguém
se pô a trabalhá ... só se fô, pra se mostrá
...(bis)

O *Batuira* - *Violeiro* e *A. Bruno*

A INDIA DA SERRA DA JURÊIA

O "correio" de Iguape!
Que chegava a Cananéia
Namorava uma índia
Lá na Serra da Jurêia

Saia de São Vicente
Nem ligava pra maré
Praia Grande, Perube
Percorria tudo a pé ...

Mas chegando na Jurêia
Que nas nuvens se escondia
Só por causa desta índia
do correio se esquecia

Certa na primavera
Nem chegou a Cananéia
Dizem que ficou pra sempre
Lá na Serra da Jurêia ...

Ernesto Zwarg - A. Bruno

I BAM'O BOTÁ FÔGO NA MATA?...

F Bãm'o Tacá Fôgo na Mata!??
F Bam'ô Botá! veneno no rio!
Portugal é quem mandô
Descobrimos o Brasil...
- E tá tudo pelado,
Tudo queimado, tudo arrazado...
(bis, bis, bis)

E bãmô a corta palmilô!
E derrubá o pau-brasil...
Temos que abri as mata
Pra se vê... o céu de anil!

E bãmô a caçá os bicho!
E vende tudo pro bichêro,
já que na loteria eu
nunca acerto no miêro...

"E bãmô" assistí "pira-sema"
voá na "cascata" do estrangeiro!
E o praiano é desterrado,
nesse lance derradeiro!...
Batuíra Viôleiro

O "XOTS" DO DIABO

Um dia eu vi,
Um dia eu vi,
O Diabo estava tomando
um garrafão de Parati.

Tomava cada golão
na boca do garrafão
Pedi me deu um gole
bebendo cai no chão.

Pois a pinga é do Diábo
primeiro gole jogue no chão (bis)

Depois que ele bebeu -
fez um monte de caretas -
e tocou numa viola
o xotes do Capeta

Dançou com uma perna só
pê de bôde, bateu no chão
deu um poido de enxóde
pediu outro garrafão

Pois a pinga é do Diábo
E ele vive de pifão!

Ele tem a chave do curral...

Ôi que estância balneária,
É lugá de assocegado...
Sô quem num quê trabalhá...
Vai vive num despralado... (bis)

Vai sê casêro, sê grillêro e caçadô.
Faiz um "bico" na enxada,
E imita o Sapo-lenhadô!!!
Derruba tudo sim senhô (bis)
(Toim-Toim)

Sabe bem de carteadô,
E no Truco é professô
É invasô de área verde
E tem título de eleitô (bis)

De tão sabido, vira cabo eleitorá
E negocia por cabeça, que
tem a chave do curral... (bis)

Este é o país do carnaval,
Este é o país do carnaval...

Ele ajuda as viuva
e até moça solteira;
Dança o pagode na sanfona
e atravessá a noite inteira; (bis)

Este é o país do carnaval,
Este é o país do carnaval...

Batuíra Viôleiro

O VELHO MAR

O velho mar me faz
lembrar Itanhaém
Velhas casas, o Convento,
a Matriz ...

O Baldo, o Guarú, o Rio

O Rio para atravessar
Casa de Anchieta e o mar! (bis)

A serenata na pedra da lua
Para serelas que vêm ao mar

(bis) O velho mar ...

A Reclamação da Crioula ...

A poesia, também atarca a escuridão da noite e ampara, solidária, aquela samba-canção que nos embala, sob as estrelas ou ao luar, de um barracão à beira-mar, - no manguezal... do Praguira... onde há sempre um violão rompendo a escuridão, e... a Estrela Guia!

Seu Delega, eu vim aqui
prá uma queixa lhe fazê.
Este crioulo abusado
tem algo prá lhe dizê.

Fala safado prá ele,
que é doto das cana.
Sorta prá ele o boquejo
que tu diz: sê bacana!

Seu moço, este escurinho
com pinta de branco legar
vive, numa charla mole,
querendo me tapear.

Criola! Tu és a maier!
Lisbeis prá ti é fichista!
Dos produtos naciona
Criola, tu és a Rainha.

Tá crente este negativo
carnelô de inspiração,
que, com este bate caixa
derreto meu coração.

Seu delega, eu sô direita.
Comigo não tem chaveco.
Conversô atravessado
Vai lôgo levando teço.

Eu sô mesmo ô do castêlo.
Com todas forma legô,
de igreja, pretoria e,
mais do que mandô.

Guarda ele seu delega
que é prá ele aprende,
que com moça das direitas
não se deve de mechê.

Más ikotô, seu dotozinho,
dá um "verso de leito",
d'aquelles piquinininho.
É que, esse nego fulera,
Fechadô de gafeira,
Que é a minha perdição.

Faz farta,
mas muita farta,
Lá no nosso barracão.

Jurema Campuz Toledo

EM MAU-QU MAL ESTADO, O ESTADO, QUE ESTADO TEM?

I. Afinal, que estado tem o Estado,
líquido, gasoso, fermentado,
incenso, apimentado?
Que estado esse que não
tenha encontrado
a não ser no papel,
fraz e timbrado?

II. Tímido que o Estado fosse
a TERRA,
o chão-natal idolatrado,
o chão gostoso, bem
pisado,
sem cerca que o cercasse
e desdibrado sob o céu...

III. Mas parece que o Estado,
Não é nada disso a que
antes foi tratado:
Não é a TERRA contada
das nossas líricas
museísticas
nem a do repentista do
norte em seus cordões:
Pátria já não é a paisagem
A tradição, nossa terra,
Não é mais este sagrado
chão!

IV. Hoje a Pátria é o Poder do
Tecnocrata:
É uma nova religião!
Que veio a amar à terra
E nem a reconhece não!

V. Terra natal? - é simples
argemosa,
Para a distração senil da gerontocracia,
e que o aristotecnocrata,
aburra gládio!
Praticando a antropofagia
Da nossa própria chão.
Amor à terra natal? - Coisa
do passado
- Meu irmão!

VI. IDOLATREMOS, isto sim!
O Estado magnífico e
machão,
Importado ecopiado sem
razões,
Do REICH alemão!!!

VII. Dez Anos da derrubada,
do Muro de Berlim!
E a Jureia sequestrada,
acorrentada!
Ignomínia e prepotência?
não terão mais fim?

Zwarg

5 de junho de 1993

Decálogo das funções mais nobres, aos primórdios da vida natural:

O LAVRADOR, de mãos na terra, sabendo a sentir, e prescrutar das suas exigências (Dá-nos Alimentos)

O CARPINTEIRO, mestre habilitado na lida com madeiras, taquaras confiáveis, barro adequado e sapé colhido à lua; (Dá-nos, - a moradia)

O APRESADOR, mateiro, arrais e domador, que amealha, como reforço de suprimentos, à caça nobre, aves e peixes referendáveis e criação cuidada; (Dá a nós, energia ! - Adestram cães, muares e cavalos para o transporte, vigilância e defesa.

O CURANDEIRO, hervateiro, benzedor, esculápio experiente e provector, com poder sôbre os ofídios; (Dá-nos saúde e segurança.)

Os PRECEPTORES eleitos, a que os jovens apreendam às noções primevas e as façam Honra Tribal; (Unem a comunidade, provêm a confraternização e o respeito aos idosos;)

O ORDENANÇA, a que a convivência geral, não signifique desentendimentos graves. (- Provêm respeito e segurança)

O BURGO MESTRE, e os Justiceiros nomeados pelo Conselho dos Anciãos; (conferem-nos cidadânia; estabelecem açoite e cadeia, banimento e condenação...)

Os LIXEIROS, - insignes agentes da Saúde, - que nos acautelam de enfermidades, Pestes e da higiene nas moradias; (Fazem-nos dignos, dos seus serviços!)

Os COVEIROS, - que recebem-nos aos familiares e conterrâneos estimados, lhes abrindo as covas e cuidando das flôres;

Os BACHARÉIS, que mandam "baixar a réu!" e açoitar ao Pelourinho, - os escribas de DECÁLOGOS DE COMPORTAMENTO HUMANO ! ?... (- Tome-lhe réuho às costas, até sangrar!... (- O Zwarg, - por exemplificar...)

*Antevésperas do Ano 2.000...
Brasil, Planeta Terra, Galáxia Solar...
Ernesto Zwarg Júnior*

O gnomo da Juréia

Onde andarà, onde estarà
O pequeno grande homem
Que defende as matas
E os bichinhos?

Estarà atrás das árvores
ou nadando no Rio Preto
Conversando com as águas
Brincando com passarinho?

Todos o olham, poucos o vêm
Pois é preciso alma livre
Prà ver tão verde menino
Em seu nobre caminho

Não lhe falta a coragem
Pra enfrentar grandes batalhas
Está sempre atormentando
Aquele que lhe atrapalha

Amado pelas crianças
As grandes e as pequeninas
Tem nestas os seus amigos
Que não lhe negam abrigo

Gnomo franzinho e forte
Não pense que está sozinho
Espalhados em outras matas
Existem muitos verdinhos

Cada um na sua floresta
Defendendo seu ideal
Sonhando um mundo melhor
O que não é utopia
Apenas tão natural

Protegida a Juréia
Ainda há muito muito
o que fazer
Pois na sua odisséia
Não é bom esmorecer

Vá em frente gnomo amigo
Não se importe com o inimigo
está sempre em toda parte; -
- A sua vida, é sua arte !

Os golpes duros são provas
Da força mais que divina
É o vento forte no ramo
Que enverga, depois empina

Continue sua luta santa
Ela não será em vão
Cuide do corpo, morada da alma
Pra poder mostrar com calma
O que muitos inda verão ...

*Ao Ernesto Zwarg Júnior,
de sua filha Maricéa.*

O Trenzinho do Litoral

É um Trenzinho que sai lá da Ana Costal
Sacode, Sacode, mais agente gosta ... (bis)

Samaritã tem mosquito pra coçã ...
Mas antes vem a ponte,
que da medo atravessã ...

Éta Mongaguá
Nome difícil de fatã,
Tem o Poço das Antas
Que é pra gente namorã ...

Itanhaém era primeiro Conceição!
Por cima passa o Trem
E por baixo embarcação ...

Éta Peruibe, o chodô da pescaria
O trem deixa a praia!
Vai seguindo a serrania!

Itariri, Toledo, Miracatú,
Plantação mais plantação
Brajirero, japonês
tamo chegando a Juquã !

Bom Jesus de Iguape vamo visitã ...
To chegando a Juquã ... (bis) plu, plu, plu

CANÇÃO

Alonso Schmidt

Na minha vida cigana
passei por esta cidade,
Cananéia, flor praiana,
Com perfume de saudade

Esta canção dolorida
Eu a escrevi muito a sô,
Em frente à Ilha Comprida
À beira do Candairô.

Quem deixa teu horizonte
Leva em sua nostalgia
O verde escuro do monte
O azul-claro da baía.

Meu pensamento anda ao léu
Minha tristeza a chorar,
Quatro gaivotas no céu
É quatro velas no mar.

LUIZ ROBERTO DE OLIVEIRA FORTES

"A Pátria é uma textura de trilhas e caminhos"

Quando a Juréia era apenas um ameno paraíso terreal, formado de matas, cachoeiras, praias, costões e de arriscadas trilhas, e onde só aos primitivos moradores era dado abeberar-se desses prodígios, já vaguejava pelo caminho do "correio do Imperador" a figura quixotesca de Ernesto Zwarg Júnior, na sua infundável peregrinação de romeiro do Senhor Bom Jesus.

Não se pode afirmar que essas andanças de Zwarg fossem por devoção ao padroeiro de Iguape. Na verdade, decorrem certamente, do seu confessado amor à natureza, até jamais visto no santuário, ou participando de qualquer cerimônia religiosa. Conso se lhe bastasse, como ato de religiosidade, palmilhar descalço as alvas areias de Una e Juréia, banhar-se nas límpidas cachoeiras e regatos, ou mirar a serrania do Pogoça, na esperança de vislumbrar, naquelas bandas, o "tucano de ouro".

No entanto, apesar do esforço de Zwarg, que logrou banir da Juréia loteadores e usinas atômicas, esse homem, já avançado em idade, não foi merecedor, até hoje, de uma única alusão meritória da parte do Governo. Ou melhor, a alusão que se lhe fazem é no sentido de que se trata, verdadeiramente, de um visionário. E, como tal, lhe foi tolhido o acesso àqueles locais que, por visionário, ousou defender.

É inconcebível, porém, que o primeiro a lutar obstinadamente pela preservação da Juréia, dissipando, nessa luta, todos os seus bens, salvo aqueles que não se dissipam, possa, agora, ter barrado o seu acesso nessa mesma Juréia por quem tanto lutou. E justamente por aqueles que deveriam ver nele, longe de um desafeto, um exemplo a ser seguido.

Por isso, neste tempo de plena religiosidade, é justo que se faça menção ao cidadão e à cidadania de Ernesto Zwarg Júnior, pela sua constante luta e pelo seu devotamento à natureza, que é o bem maior, que é o bem de todos.

E, no futuro, quando forem transcritos para os anais da Estação Ecológica da Juréia os nomes daqueles que fizeram de acalentado sonho uma doce realidade, deverá ser encimado, dentre os que sonharam e os que lutaram, o de Ernesto Zwarg Júnior. Por ter sido o primeiro, o mais constante e o seu mais combativo defensor.

Ernesto Zwarg Júnior, ecologista, andarilho e cantor, é uma dessas pessoas por quem os sinos dobram.

Luiz Roberto de Oliveira Fortes

é iguapense, advogado militante e pós-graduando na Faculdade de Direito da Universidade de São Paul



O Prefeito de Cubatão, Ney Serra, quando também eleito Comodoro de improvisada expedição náutica a Canandia, a fim participar da homenagem ao poeta nascido em Cubatão Afonso Schmidt